

## *O pensamento ontológico da linguagem em Martin Heidegger*

*Danilo Filgueiras Ferreira<sup>1</sup>*

**RESUMO:** Tomando como ponto de partida o imbricamento existente entre o uso que se faz da linguagem em um texto filosófico e a concepção a respeito dela, analisa-se, no presente artigo, como variou a maneira como Martin Heidegger concebia o “modo-de-ser” da linguagem e como este autor já antecipava, ainda que veladamente, desde *Ser e Tempo*, sua concepção final a respeito do assunto.

**PALAVRAS-CHAVE:** Heidegger; linguagem; Ser e Tempo; Filosofia analítica.

**ABSTRACT:** Taking as starting point the connection between the way a philosopher uses language in his texts and the way he faces language itself, we analyze, in this article, how has changed, for Martin Heidegger, the language’s “mode of being” and also how has this author, since *Time and Being*, anticipated his final theory about this theme.

**KEYWORDS:** Heidegger; Language; Time and Being; Analytical Philosophy.

**SUMÁRIO:** 1. Introdução. 2. Linguagem em Heidegger e para Heidegger. 3 Referências bibliográfica

### **1. Introdução**

Se as dificuldades inerentes ao modo de expressão linguística de determinada concepção filosófica constituem, de um modo geral, entrave a uma primeira aproximação, um exame mais detido dessa maneira de expressar-se costuma fornecer importantes elementos para a compreensão daquela mesma obra, especialmente se considerada em seu conjunto. A produção, por Derrida, de sua “Gramatologia” valendo-se de períodos extremamente longos, em que se aglutinavam idéias de cunhos

---

<sup>1</sup> Mestrando em Filosofia do Direito pela Pontifícia Universidade Católica de São Paulo (PUC-SP). Bacharel em Direito pela Universidade Federal da Bahia. Procurador da República no município de Campinas.

diversos, constitui já um indício de que aquelas ideias não eram, em sua filosofia, separáveis (WILLIAMS, 2012, p.48). Da mesma forma, a escritura quase integral do *Tractatus Logico-Philosophicus*, por Wittgenstein, sob a forma de aforismos, revela a simplicidade e incapacidade da própria linguagem, concepção esta que foi, inclusive, delineada no item 4.116 “Tudo que pode ser em geral pensado, pode ser pensado claramente. Tudo que se pode enunciar, pode-se enunciar claramente” (WITTGENSTEIN, 2010, p. 179)<sup>2</sup>. Com a produção filosófica de Martin Heidegger não poderia ser diferente.

Quando se analisa a obra monumental deixada por Martin Heidegger, as dificuldades enfrentadas, antes que um desconsolo, constituem claro vestígio, trilha deixada aberta pelo autor para os que nela se aventuram em direção ao âmago de seu edifício filosófico, onde se encontram a radicalidade de sua obra e o peculiar uso que faz da linguagem. Estes aspectos, na obra heideggeriana, estão intrinsecamente vinculados, tendo em vista que a abordagem radical da filosofia demanda aproximação através de linguagem própria e extremamente cuidadosa, que trate, ao menos, de evitar os equívocos das doutrinas que o precederam. É nesse sentido que APEL (1967, p. 112) afirma filosofar Heidegger como um típico teórico alemão, “com a mais alta exigência especulativa, que se traduz ainda em sua linguagem. Ele pretende repetir a tradição inteira da metafísica ocidental, entendendo-a e ao mesmo tempo supera-la”<sup>3</sup>. Também o próprio Heidegger, em palestra proferida já na segunda fase de sua filosofia, sustentou que

A tarefa que desafia o pensamento atual não tem quaisquer precedentes. E exige uma forma de pensar completamente nova. Esse novo modo de pensar é mais fácil que a filosofia convencional, mas também é mais difícil, porque exige um uso mais cuidadoso da linguagem.<sup>4</sup>

---

<sup>2</sup> Também o “segundo Wittgenstein”, autor das *Investigações Filosóficas* e precursor da filosofia da linguagem comum, constitui exemplo claro desse fenômeno ao escrever suas investigações utilizando apenas palavras da linguagem corriqueira, sem expressões técnicas ou estritamente filosóficas.

<sup>3</sup> Livre tradução do texto espanhol

<sup>4</sup> Voz e imagem disponíveis no documentário “Human, All Too Human”, dedicado a Heidegger e produzido pela BBC London. Disponível em <<https://www.youtube.com/watch?v=pI6P5jXjCq0>>. Acesso em 23 mai. 2014

As ponderações acima, entretanto, pouco esclarecem a respeito da concepção e do uso que Heidegger faz da linguagem, apenas reforçando a noção de que as idéias, em especial a respeito da própria linguagem, e a forma (estilo) de expressão dessas idéias através da linguagem vinculam-se diretamente, numa espécie de coerência necessária no uso da língua pelo filósofo. E é nesse vínculo, iniciando-se pelo uso que faz da língua, que se pode encontrar uma das possíveis portas de entrada para a concepção de Heidegger a respeito da própria linguagem.

## **2. Linguagem em Heidegger e para Heidegger**

Uma forma peculiar, mas aparentemente eficaz, de iniciar a análise a respeito do uso que Heidegger faz da linguagem é através da pena de seus críticos, em especial de um representante da escola de filosofia analítica, a cuja tecnicização da linguagem Heidegger opunha-se já desde *Ser e Tempo*. STEGMÜLLER, mesmo reconhecendo que aquele que se propõe a (e consegue) “participar da reviravolta” do pensamento de Heidegger aprende a conhecer um “modo de pensar essencialmente novo, capaz de surpreender e predominar de tal forma, que todas as iniciativas do passado pareçam superadas” (2012, p. 140), ao traçar suas duras críticas às concepções centrais de “*Ser e Tempo*” apega-se ao uso da linguagem nos escritos, criticando o que aparentaria ser um “desleixo” de Heidegger ao deixar de desmontar analiticamente o termo “ser”. A querela desenvolve-se a respeito do início da obra (e premissa de todo o desenvolvimento posterior), em que Heidegger afirma que no “modo comum de viver” do homem estaria encoberto um “verdadeiro conhecimento do ser”<sup>5</sup>. Criticando o desenvolvimento heideggeriano a partir dessa premissa (ou seja, a pergunta pelo ser), afirma STEGMÜLLER que “esperar-se-ia que, antes de tudo, Heidegger analisasse mais exatamente as significações correntes dessa palavra, isto é, as diversas modalidades de emprego do verbo auxiliar ‘ser’”, exemplificando, logo em seguida, com exemplos clássicos da discussão analítica “O leão é um animal”, “O céu é azul”, “Deus é”, trazidos, segundo ele, da própria obra de Heidegger. Prossegue argumentando, nessa linha, que o suposto caráter vago da “compreensão cotidiana do

---

<sup>5</sup> Para Heidegger, haveria uma compreensão do ser, que se traduz em afirmações cotidianas envolvendo “ser” (“o céu é azul”, “eu sou alegre”), mas constituiria preconceito a imagem de que o “ser” seria o conceito “que-pode-ser-entendido-por-si-mesmo” (*selbstverständliche*). Seria necessário manter a pergunta pelo ser, tendo em vista que, embora “já vivamos cada vez em um entendimento do ser”, o seu sentido estaria, “ao mesmo tempo encoberto na obscuridade” (2012a, p. 39).

ser” trata-se, em realidade, de confusão linguística, decorrente do fato de que para todas as funções possíveis (expressão de identidade, existência, relação elemento-classe etc) é utilizada uma mesma palavra (ser). Esse caráter vago, fundante da pergunta pelo ser, seria suprimido pela utilização de sinais linguísticos diferentes para cada uma das funções, de sorte que a identificação desses diversos sentidos deveria constituir “trabalho prévio imprescindível para qualquer ontologia que se preze” (2012, p. 148)<sup>6</sup>.

Embora a crítica feita traduza, em certa medida, o embate entre a filosofia insular e continental e em que pese o trecho escolhido para crítica não represente, à primeira vista, as dificuldades ou as peculiaridades no uso da linguagem por Heidegger, o exemplo é salutar pelo aparente acerto do argumento e pela centralidade da expressão “ser” em todas as “fases” da obra heideggeriana. A vingar a crítica, dever-se-ia reconhecer que Heidegger estava insciente da complexidade semântica que se esconde por trás do termo verbal “ser” e de seus plúrimos significados, que a filosofia analítica postula serem convencionalmente estabelecidos. Seria pugnar-se, também, que Heidegger, já livre docente, desconhecia qualquer estudo de lógica analítica e a alegada necessidade de precisão no uso da linguagem.

Ora, as condições necessárias para o equívoco, elencadas tendenciosamente acima, já denotam a sua parca probabilidade. E se o uso do termo “ser” não foi antecedido dessa precisão semântico-analítica, caberia perguntar em que contexto e com que intenção Heidegger desconsiderou tal análise, pergunta para a qual o texto de Ser e Tempo fornece uma resposta apenas parcial. O desenvolvimento do livro não retoma essa questão e tampouco consta que Heidegger tenha respondido, explicitamente, seu contemporâneo.

Ora, o uso do termo “ser” como peça chave de sua filosofia e a ausência desta análise em Ser e Tempo parece constituir, já em um primeiro exame, contradição duplamente reveladora. Por um lado, deixa intuir que Heidegger já fazia uso bastante peculiar da linguagem, privilegiando um modo de ser próprio em detrimento de um meramente convencional. Por outro, denota que o próprio Heidegger não tinha

---

<sup>6</sup> Às fls. 150 STEGMÜLLER utiliza-se do instrumental analítico também para desqualificar o uso, por Heidegger, da palavra “nada” em seu texto “O que é metafísica”.

consciência explícita disso, ao menos não em sua inteireza, tendo em vista que não justificou o uso do termo “ser” a despeito de sua plúrima significação e tampouco traçou, já explicitamente, concepção de linguagem que desse suporte a esta abordagem.

As suspeitas se confirmam se deitarmos vista sobre os capítulos de Ser e Tempo que versam a respeito da linguagem, em especial o § 34, e sobre o modo como o próprio Heidegger, anos mais tarde, compreendeu sua obra pretérita. Sem análises profundas, não comportadas neste singelo estudo, pode-se dizer que em Ser e Tempo Heidegger estrutura discursivamente a abertura do *Dasein* para o mundo e este discurso constitui o fundamento existencial da língua, de modo que ela (a língua) só é “aí” a partir da abertura do mundo (DUBOIS 2005, p. 144). Embora o próprio Heidegger tenha problematizado explicitamente, ao final do § 34, o papel da linguagem<sup>7</sup>, parece correto compreender que esta primeira abordagem heideggeriana importa em uma anterioridade do ser-no-mundo em relação à língua, que seria camada sobreposta à compreensão discursiva articuladora. Tanto é que o próprio Heidegger, em nota de rodapé acrescentada manuscritamente, anos mais tarde, ao seu exemplar de Ser e Tempo, que ficou conhecido como “o exemplar da cabana”, faz uma das retratações mais secas da história da filosofia a respeito do assunto. Comentando a passagem de Ser e Tempo que deixa evidente seu ponto de vista sobre a língua

Mas a significatividade ela mesma, com que o *Dasein* já está cada vez familiarizado, traz consigo a condição ontológica da possibilidade de que o *Dasein* que-entende possa abrir, como interpretante, algo assim como “significações”, as quais por sua vez fundam novamente o ser possível da palavra a da língua (p. 261)

Heidegger apõe a seguinte glosa: “Não verdadeiro. A língua não é um pavimento sobreposto a outro, senão que é o desdobrar-se originário da verdade como aí”. Esta mudança de concepção, outrossim, é explicitada pelo próprio Heidegger mais de vinte e cinco anos depois, no ensaio *De uma conversa sobre a linguagem entre um japonês*

---

<sup>7</sup> “No final, a pesquisa filosófica deve se decidir a perguntar de vez qual o modo-de-ser que convém à linguagem em geral. A linguagem é um instrumento utilizável do-interior-do-mundo ou ela tem o modo-de-ser do *Dasein* ou nenhum dos dois? (...) É por efeito do acaso que as significações sejam de pronto e no mais das vezes “de mundo”, que estejam previamente delineadas pela significatividade do mundo, sendo inclusive com frequência predominantemente “espaciais”, ou se trata de um “fato” ontológico-existenciário (existenzial-ontologisch) necessário, e por quê?” (Ser e Tempo, p. 469)

*e um pensador* (2012b, p. 76), quando afirma que seu pensamento sempre foi orientado pela linguagem e que o defeito radical de Ser e Tempo teria sido aventurar-se cedo demais, longe demais.

Em suma, Heidegger modifica bastante sua compreensão a respeito da linguagem: em um momento inicial defende que a significação é primeira, a princípio idealmente fora da língua, de modo que o problema da gênese existencial da língua seria apenas o de tornar-se palavra da significação, para um mundo pré-linguístico; em um segundo momento, em especial a partir do contato com a poesia de Hölderlin, inverte claramente seu ponto de vista, chegando a afirmar que “somente onde há língua que um mundo é aí” (“Hölderlin e a essência da poesia”, *apud* DUBOIS, 2005, p. 144).

Seria natural que esta mudança de perspectiva, em especial a aproximação de Heidegger com a poesia enquanto experiência possibilitadora da língua e instauradora de mundo como totalidade de significação una e integral (*Bedeutsamkeit*), importasse mudança radical no modo como o autor utiliza a linguagem, coadunando-a com seu reconhecido caráter fundante. Não há registro, todavia, de que uma mudança nesse ponto tenha se operado de forma tão acentuada no interior da obra Heideggeriana, senão enquanto tentativa natural de expressão de idéias cada vez mais fundantes, complexas e distantes da filosofia tradicional. Esse movimento de “revisão linguística”, entretanto, não é peculiar à segunda fase de seu pensamento, mas permeia toda a obra de Heidegger, na medida em que já desde o início de sua filosofia, conforme ressalta ESCUDERO, precisava levar a cabo uma destruição prévia dos conceitos herdados e assumidos acriticamente, a fim de poder voltar a pensar a questão do ser em toda a sua originalidade. Tal tarefa o obrigava a elaborar uma nova conceitualidade capaz de apreender a riqueza e a complexidade de matizes da realidade do ser (2009, p. 14-15).

Essas inovações semânticas, que permitiram a ESCUDERO afirmar que Heidegger toma parte, ao lado de Nietzsche, Goethe e Lutero, no panteão de fundadores de discursividade em língua alemã (2009, p. 17), foram acompanhadas, já no “jovem Heidegger”, de uma crítica também à sintaxe tradicional e ao enunciado lógico

predicativo clássico<sup>8</sup>. Esta crítica, ao invés de se dissipar, apenas aprofundou-se, sendo retomada de modo mais contundente em “Sobre o Humanismo”, onde afirma que a metafísica apoderou-se desde muito cedo, na forma da “lógica” e da “gramática” ocidentais, da interpretação da linguagem, e que é preciso libertá-la desse jugo (HEIDEGGER, 2009, p. 25-26).

Esta revolta contra a sintaxe e a semântica tradicionais, todavia, não implicava em definição a respeito do real estatuto da linguagem, expressamente questionado pelo próprio Heidegger (em que pese sua idéia geral, como visto na retratação já mencionada, se aproximasse de uma anterioridade do mundo em relação à linguagem). Só na segunda fase do pensamento heideggeriano é que se rompe definitivamente com esse caráter sobreposto da linguagem, abandonando-se o esquema clássico de referencialidade e posterioridade da língua em relação à significação. Ultrapassa Heidegger a “designação” como característica fundamental da linguagem em prol de um “mostrar”, que se relaciona diretamente com o caráter fundante de mundo da poesia, expressão da linguagem autêntica.

A compreensão deste caráter fundante da linguagem é extremamente complexa e é desenvolvida por Heidegger ao longo de diversos textos, em especial os daquelas herméticas conferências reunidas no livro “A caminho da Linguagem”, sem que qualquer delas seja capaz de, isoladamente, esgotar o tema ou fornecer uma explicação suficiente. As dificuldades que ressoam, nesses textos, parecem referir-se aos limites da própria linguagem para a expressão das idéias, em especial aquelas relacionadas ao coração da filosofia heideggeriana após a virada, qual seja a da *Ereignis* (comumente traduzido como acontecimento apropriativo). É esse pensamento, cuja tentativa de expressão isolada (no texto “*Vom Ereignis*”) foi qualificada por DUBOIS (2005, p. 100) como um “texto sobrecarregado por uma luta por vezes quase desesperada com a língua, abrupto e sibilino, escrito ao longo de uma reflexão sobre a própria atividade, que infindáveis vezes retorna sobre si”, que ilumina as tentativas de compreensão do efetivo papel da linguagem em sua relação com o homem, com o ser e com o ente.

---

<sup>8</sup> Em *Ser e Tempo*, ao contrapor o “como’ hermenêutico-existenciário” ao “como apofântico da enunciação”, Heidegger afirma, expressamente, que as diversas “proposições” acerca das coisas (componentes da discursividade) não se deixam reduzir, sem deturpação essencial de seu sentido, a proposições enunciativas teóricas (2012a, p. 447).

É em busca da “essência/vigor” (*Wesen*) da linguagem que se desenvolvem a maior parte dos textos componentes daquela coletânea, em especial naquele posto por último, denominado “O caminho da linguagem”, em que se tenta pesquisar a *Wesen* da linguagem em sua relação com a capacidade humana da fala. Nessa relação, e sob o mote de “trazer a linguagem para a linguagem como linguagem”, Heidegger analisa o estatuto ontológico da linguagem e chega à conclusão de que o vigor (*Wesen*) da linguagem seria a saga do dizer enquanto mostrante. A partir dessa conclusão, desenvolve que o “falar” significaria escutar a linguagem, deixando que ela nos diga a sua saga, e que o homem só é capaz de escutá-la por pertencer ao dizer e sua saga.

Refoje aos objetivos do presente texto analisar as difíceis conclusões heideggerianas a respeito do assunto, que somente poderiam ser, de todo modo, compreendidas minimamente valendo-se do pensamento da *Ereignis*. A partir, entretanto, da asserção de que a “linguagem fala”, repetida à exaustão e analisada com propriedade também no texto inaugural da mesma coletânea<sup>9</sup>, é possível retornar à crítica inicialmente proposta por Stegmüller, que serviu de mote ao presente trabalho.

O que significa afirmar que a “linguagem fala”? Ora, a conclusão mínima a respeito de tal assertiva é a de que a linguagem tem um modo de ser peculiar, não se tratando de mero produto da convencionalidade humana, sobreposta à significação. Se a linguagem “fala”, é porque existe em algum ponto, é porque fala a partir de um lugar próprio, ainda que, para os presentes fins, esse lugar possa remanescer indefinido. E se fala, em que consiste esse falar e como é possível escutá-la? Heidegger não responde a essas perguntas de modo cabal, mas um princípio de resposta é fornecido pelo próprio autor quando se propõe, no curso da conferência “A linguagem”, a propósito da análise do poema “Uma tarde de inverno”, de Georg Trakl, a “ouvir” a palavra “dourado” e o que ela evoca. Para ouvir esta palavra, inserida na poesia ao final da segunda estrofe, Heidegger afirma buscar “auxílio” em um antigo poema de Píndaro, poeta grego, em que se qualifica o ouro como o que “transluz através de tudo”, para, em seguida, concluir que o ouro (e por extensão o dourado), no seu brilho, “resguarda todo vigente no desencobrimento de seu aparecer” (2012b, p. 18-19).

---

9 De título “A linguagem”



Desse exemplo, que se insere sem ressalvas no método heideggeriano de análise e interpretação poética, pode-se assentar minimamente que a proposta heideggeriana de ouvir a linguagem desenvolve-se como o encontro entre uma perspectiva histórica (e, portanto, etimológica) da palavra e o seu uso autêntico. Ao escolher como “auxílio” na escuta o uso da palavra feito por um poeta grego que o antecedia em dois milênios, Heidegger não desejava mostrar erudição vazia, mas assentar que o “ouvir” a palavra significa deixar a palavra dizer a sua saga, saga à qual pertence o próprio homem, como elemento essencial. E nessa temporalidade da saga, constitutiva de seu vigor (*Wesen*<sup>10</sup>), agregam-se em uma unidade própria os diferentes significados outorgados àquela determinada palavra, que encerra em sua polissemia algo mais que a possibilidade de decomposição analítica precisa. É nesse sentido que Heidegger, ao examinar outra poesia de Trakl, afirma que “O rigor peculiar da linguagem fundamentalmente polissêmica de Trakl é num sentido mais elevado tão unívoca que se mostra bem superior a toda exatidão técnica da mera univocidade científica do conceito” (2012b, p. 64).

Tal assertiva, embora inserida em contexto distinto, poderia muito bem, num diálogo absolutamente imaginário, servir de resposta à crítica feita por Stegmüller ao uso, por Heidegger, da palavra “ser”. Ao invés de afastar a polissemia e implementar, na camada linguística, o rigor conceitual, o projeto heideggeriano parece ter sido, desde o princípio, incorporar o uso comum e historial da linguagem, deixar que a palavra se revele em seus diferentes contextos e nunca, como seu crítico, deixar de ter como relevante o que há de comum nessa diversidade, ou seja, a própria palavra.

E se tal abordagem, na medida em que o “falar” é precedido, como reconhece o próprio Heidegger mais tarde, de um “deixar dizer”, parece apontar para uma anterioridade da linguagem em relação à significação, em desacordo com as dúvidas lançadas pelo próprio Heidegger em *Ser e Tempo*, a análise da propagação desta possível contradição em outros meandros da obra heideggeriana desborda completamente os contornos do presente projeto. Aqui se pretendeu, unicamente,

---

<sup>10</sup> Anote-se que a própria palavra “Wesen”, no sentido que lhe outorga Heidegger nessa segunda fase de sua filosofia, é exemplo dessa escuta, na medida em que busca sua origem etimológica para afirmar que *Wesen*, comumente vinculado à idéia clássica de essência, significa “durar”.

indicar como a concepção futura de Heidegger a respeito da linguagem já estava presente, ainda que de modo embrionário, ao menos em um ponto crucial de sua obra, e como esse mesmo nó semântico serve como porta de entrada para a abordagem final do próprio Heidegger a respeito da linguagem.

### 3. Referências bibliográficas

APEL, Karl O. Wittgenstein y Heidegger: la pregunta por el sentido del ser y la sospecha de falta de sentido contra toda metafísica. *Dianoia*, Vol. 13, no 13, 1967. p. 111-148. Disponível em <http://dianoia.filosoficas.unam.mx/index.php/contenido/n-meros-anteriores/13/wittgenstein-y-heidegger-la-pregunta-por-el-sentido-del-ser-y-la-sospecha-de-falta-de-sentido-contra-toda-metaf-sica/>

DUBOIS, Christian. *Heidegger: introdução a uma leitura*. Tradução de Bernardo Barros Coelho de Oliveira. Rio de Janeiro: Zahar Editor, 2005

ESCUADERO, Jesus Adrian. *El lenguaje de Heidegger: Diccionario filosófico 1912-1927*. Barcelona: Herder, 2009.

HEIDEGGER, Martin. *Ser e tempo*. Tradução Fausto Castilho. Coleção multilíngues de filosofia da Unicamp. Petrópolis/RJ: Vozes, 2012a

\_\_\_\_\_. *A caminho da linguagem*. Tradução Márcia Sá Cavalcanti Schuback. Petrópolis/RJ: Vozes, 2012b

\_\_\_\_\_. *Sobre o humanismo*. Introdução, tradução e notas de Emmanuel Carneiro Leão. Rio de Janeiro: Biblioteca Tempo Universitário, 2009

STEGMÜLLER, Wolfgang. *A Filosofia contemporânea*. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2012

WILLIAMS, James. *Pós-estruturalismo*. Tradução de Caio Liudvig. Coleção pensamento moderno. Petrópolis/RJ: Vozes, 2012

WITTGENSTEIN, Ludwig. *Tractatus Logico-Philosophicus*. Texto bilíngue. Tradução, apresentação e estudo introdutório de Luiz Henrique Lopes dos Santos. Introdução de Bertrand Russel. São Paulo: EDUSP, 2010